

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所
東方學研究所

deslustra o conjunto: eles apresentam lombadas diferentes, sem a imprescindível normalização gráfica que se impunha para harmonizar melhor os três livros.

Luís Manuel de Araújo

DANIEL SOULIÉ, *Villes et citadins au temps des pharaons*, Paris, Éd. Perrin, 2002, 286 pp., ISBN 2-262-01768-9

A obra começa com um prefácio (pp. 7-9) de Guillemette Andreu, egiptóloga e conservadora no Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu do Louvre, seguindo-se a Introdução (pp. 11-14), onde é justificada a apresentação da temática, escassamente tratada na espessa obra de Jacques Vandier, *Manuel d'archéologie égyptienne* (Paris, 1955). Com a publicação deste volume pretende o seu autor colocar à disposição de um vasto público um assunto que só tem merecido o interesse de alguns egiptólogos dada a escassez de elementos arqueológicos.

O capítulo 1 apresenta «Un rendez-vous manqué avec les archéologues» (pp. 15-44), começando por evocar o tempo dos aventureiros, de autêntica caça aos tesouros do Egito que a pouco e pouco foram chegando à Europa, até à intervenção de arqueólogos e egiptólogos no terreno, abordando depois as ruínas vistas como uma riqueza económica (que levaram à exploração sistemática das ruínas em busca de *sebakh* para a agricultura) e apreciando a utilização da pedra e do tijolo como elementos fundamentais da arte de construir dos antigos Egípcios.

«Les Égyptiens racontent» é o tema do capítulo 2 (pp. 45-65), mostrando como os templos e os túmulos nos fornecem elementos para o conhecimento da civilização egípcia e do seu gosto por tudo registar, que se patenteia na existência de listas, contas e correio particular encontrado nas ruínas do passado. Vista assim a questão poderá falar-se de uma arquitectura ilustrada, continuando ainda hoje certo tipo de construções a fazer-se à moda antiga, o que demonstra a sobrevivência das tradições.

O capítulo 3 versa sobre «L'idéal urbain des pharaons» (pp. 66-98) que engendrou um «urbanismo pensado», onde existiam cidades de alta segurança, com os seus bairros, as suas ruas e ruelas, sendo de notar que as cidades não tinham praça pública ou espaços destinados ao mercado urbano: é que a sociedade da época faraónica ignorava o comércio no sentido contemporâneo do termo.

Os principais centros urbanos são depois evocados no capítulo 4, propiciando uma «Voyage dans les villes d'Égypte» (pp. 99-165) que leva o leitor às primeiras cidades do Egípto, com o exemplo de Hieracômpolis, a antiga Nekhen e de Elefantina, vista como a «porta do Sul», passando pelas cidades das pirâmides, autênticas «cidades-dormitorio», por Kahun e Abido, duas «cidades modelo» e, mais para sul, até Buhen, cidade fortaleza, onde vivia a respectiva guarnição e as famílias dos soldados. São depois lembradas as cidades de fronteira, as cidades coloniais e as vilas operárias, de que Deir el-Medina é um bem conhecido exemplo. O grande aglomerado populacional de Uaset, que os Gregos chamaram Tebas (hoje Lucsor) merece natural atenção, tal como Amarna (a cidade de Akhetaton edificada por Akhenaton), Mênfis (uma grande capital política e cultural), Pi-Ramsés (da qual pouco resta), Bubástis (a cidade de Bastet, que teve o seu apogeu na Época Baixa), e enfim, Alexandria, «la Grèce au bord du Nil», como paradigma de várias cidades gregas e romanas do Egípto.

O capítulo 5 apresenta as «Maisons, palais, entrepôts, magasins» (pp. 166-228), num percurso longo de reconstituição que vai desde as simples cabanas pré-históricas e a casa dos primeiros egípcios (*per*) às mansões reais. Pelo caminho visitamos as «villas» de Kahun, a rica morada de Meketré, percorremos Mirgissa, vista aqui como «un habitat colonial», a casa de um aristocrata amarniano, entramos nas casas da localidade operária de Deir el-Medina e nas construções em altura a que o autor designa por «casas-torre», atendendo a que a falta de espaço para construir na horizontal levou a erguer na vertical (não se conhecem no entanto edifícios com mais de dois andares). Verificam-se algumas influências gregas e romanas nas habitações mais tardias e conclui-se que todas as casas tinham jardim, por vezes com refinadas áreas de repouso e escritórios. São igualmente típicos das actividades de construção os «celeiros de José», isto é, os omnipresentes celeiros, num país onde, em princípio, ninguém morria de fome, e os palácios divinos, ou seja, os templos edificadas para os deuses.

Finalmente o capítulo 6 recorda «Le citadin» (pp. 229-265), para dar vida ao espaço urbanizado que os capítulos anteriores apresentaram. Vemos então desfilar as pessoas e os seus ofícios, apreciamos a vida religiosa e as contradições da vida citadina que tem o seu principal senão no facto de não existir qualquer serviço de limpeza das ruas e espaços públicos — «la ville égyptienne est sans doute saine».

Na conclusão (pp. 266-268) afirma-se que a cultura urbana dos faraós exprime de forma clara uma alegria de viver sem limites que

se patenteia bem nos textos e pinturas tumulares — mas em todo o caso o aviso fica feito: pensar apenas que o Egipto faraónico, com os seus activos aglomerados populacionais oferece «l'image d'une société immuable, bercée par la musique des cérémonies religieuses, par le chant des pleureuses lors des funérailles ou les appels des chasseurs que s'activent dans les fourées de papyrus, c'est oublier qu'il est aussi un monde de souffrance et de misère pour l'immense majorité de la population» (p. 267).

Seguem-se os anexos, que incluem uma cronologia do antigo Egipto (pp. 269-272), um pequeno léxico (pp. 273-277) que contempla diversos termos relacionados com o tema da obra, um mapa do Egipto na p. 280, fechando com os planos de aglomerados populacionais e de habitações (pp. 281-283).

A obra encorpa-se com oito páginas extra-texto que incluem diversas gravuras a preto e branco relacionadas com o tema tratado, o qual permite transportar o leitor para um universo urbano concebido de acordo com a geografia e a vontade dos homens que o habitavam, um universo «onde o urbanismo era a expressão de um sistema político quase totalitário: ao controlar perfeitamente o espaço os faraós asseguravam também a sujeição total dos seus súbditos».

Luís Manuel de Araújo

JOSÉ NUNES CARREIRA, *Por Terras de Jerusalém e do Próximo Oriente*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2003, 400 pp., ISBN 972-1-05105-5

Eis uma nova obra de José Nunes Carreira, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, onde dirige o Instituto Oriental e coordena a área de História e Cultura Pré-Clássica.

Armado de «fé, paciência e boa bolsa» (da Fundação Calouste Gulbenkian), o Autor jornadaia pelo Próximo Oriente num longo e diversificado percurso que logo no Prefácio (pp. 9-10) sintetiza: «Percorri o Delta e o vale do Nilo até Edfu, subi à montanha do Sinai. Familiarizei-me com a Cidade Santa e as serras da Palestina. Fiz o périplo de Israel. Cruzei várias vezes o Jordão, embrenhei-me no deserto siro-arábico. Passei o desfiladeiro de Petra e maravilhei-me ante as rochas trabalhadas. Por Damasco fui a Palmira, Alepo e Kalaat Sime'an. Vi Mossul e o triângulo das capitais neo-assírias (Nínive, Kalah e Dur Sharrukin). Revivi confusão lendária e linguística em Babel, esplendor